

Taubaté, 17,12,1905

Rangel:

Chegaram os volumes do *Diario*, multados em 800 réis, e duas cartas. Não sei pela qual começar... Já li uns trechos do *Diario* e fiquei com ideia mais nitida dessa que te seduziu a cabeça e o coração. Deve ser uma criaturinha deliciosa, comunzinha como centenas de outras, boazinha, bonitinha, engraçadinha, monopolizadora de meia duzia de diminutivos. E vejo também que é coisa liquida a tua “lewishação”, como Wells a descrever naquele *Mr. Lewisham*: o mal não tem cura. Quero, porém, dizer-te ainda uma ou duas coisas sobre o casamento, apesar de ser latim perdido.

Se um homem casa-se aos 20 anos, que deixa para fazer aos 40? Aos 20 temos mil novidades tremendas a fazer, porque ainda estamos na “surpresa da vida”. Temos as grandes “asneiras”. Mas aos 40 estamos começando a “passar”, já arrefecidos, já com o farnel das asneiras exgotado, e então casar com uma menina de 18 é iniciar brilhantemente a segunda fase da vida. Aquele ditado do “quem casa quer casa” é muito sabio. Diz que para o bom casamento o homem deve estar estabelecido, rico, maduro, bem cristalizado, conhecedor de si proprio e do mundo_ isto é, velhusco.

Casar criança é uma barbaridade, apesar das “pontinhas roseas dos dedos dela”, apesar do “lindo moreno da pele”, etc. Acho que é cabeçada, e porisso berro, apelo para os esbirros d’El-rei, sempre que vejo um homem de mente sã correr com uma braçada de coisas preciosas_ liberdade, sossego, projetos de viagens, ideias_ rumo á lata do lixo, para... para que, meu Deus?

O *Minarete* trouxe a tua “Dona Fidalma”. Ouça lá o que diz a medicina: “Durante esse tempo as mulheres mostram-se fracas, mais impressionaveis, de humor voluvel, apresentam exteriormente um aspecto sofredor, ficam com olheiras... movimentos mais morosos... sujeitas a caprichos singulares, a gostos bizarros, a mudanças no carater; umas inclinam-se á tristeza, outras tornam-se irasciveis ou sentimentais”. Exatamente como estava a dona Fidalma quando a apanhaste. Rangel, você a plagiar o Chernoviz naquele desagradavel capitulo!

E o meu *Gilles de Rais*? Leste? Ando com ideias dumas coisas á Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possivel e vislumbres do futuro_ não o futuro proximo de Julio Verne, futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. Vou semear agora essas ideias e deixá-las se desenvolverem livremente por dez ou vinte anos_ e então limito-me a fazer a colheita, caso a plantação subsista até lá. Se a terra dos meus canteiros mentais não for propicia a essas sementinhas, então é que não estou destinado a ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciência. Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indigena, ou

não dou coisa nenhuma. Ser um Garcia Redondo, que coisa mais quadrada e pifia!

E enquanto as sementinhas germinam, sabe em que penso agora? Em industria! Uma fabrica de doces em vidros, geleias inglesas, sistema Morton ou Teyssoneau. A firma será Lobato & Paiva. O Paiva é o Eugenio de Paiva Azevedo, meu companheiro de planos. E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana. Até por aí chegarão os almanaques, as folhinhas de parede, os cartazes de Lobato & Paiva. Nos cinemas, depois duma fita sobre a guerra russo-japonesa, em vez do retrato do Tsar ou do Filho do Sol em apoteose, lá aparece, num deslumbramento: “Para as lombrigas, compotas Lobato & Paiva”. E hei de ver a dona Barbara de Moura Rangel, atrapalhada com uma visita de ultima hora, dizer á criadinha: “Corra no são Chico da Venda e diga que mande uma lata de morango marca Lobato, que é a boa. E você não fique lá toda a vida namorando aquele cara de fuinha. Ele ponha na conta”. Contrataremos o Raul para a seção de propaganda_ para “Oh, as compotas de morango de Lobato & Paiva!” Ofuscar a gloria do Morton, Shakespeare dos pickles e das geleias!...

Chamei-te Lewisham, não que sejas como M. Lewisham, mas porque quem ama é sempre mais ou menos Lewisham. E ainda ha uns pontos coincidentes_ o colegio, a vida de professor, o Amor, Ethel e Barbara.

LOBATO